

**A INTERCULTURALIDADE NA ESCOLA INDÍGENA:
A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA
JUPORIJUP – TI APIAKÁ-KAYABI, JUARA/MT**

**INTERCULTURALITY IN THE INDIGENOUS SCHOOL: THE
EXPERIENCE OF THE JUPORIJUP STATE INDIGENOUS
SCHOOL – APIAKÁ-KAYABI INDIGENOUS TERRITORY,
JUARA/MT**

Maria do Socorro Vieira Coelho¹
Daniella Corrêa Alvarenga²

RESUMO

A interculturalidade se constrói pelo diálogo. Por isso, este artigo analisa diálogos interculturais entre saberes e as práticas pedagógicas na Escola Indígena Juporijup, do Povo Kawaiweté/Kayabi. A Sociolinguística Educacional, alguns estudos sobre contato entre línguas e o plurilinguismo embasaram a argumentação teórica. Utilizaram-se as pesquisas bibliográfica, documental, qualitativo-etnográfica e de campo, que possibilitaram a análise dos saberes e práticas culturais das três escolas. Os resultados apontaram ser necessário garantir o direito ao ensino bilíngue, português e Kawaiweté, sempre na observância das especificidades desse povo e do plurilinguismo aspectos garantidos no currículo dessa escola que preserva os saberes culturais, valorizando, sobremaneira, a língua Kawaiweté.

Palavras-chave: Cultura, Identidade e Interculturalidade. Educação Escolar Indígena. Povo Kawaiweté/Kayabi.

ABSTRACT

Interculturality is built through dialog. For this reason, this article analyzes intercultural dialogues between knowledge and pedagogical practices at the Juporijup Indigenous School, of the Kawaiweté/Kayabi People. Educational sociolinguistics, some studies on language contact and plurilingualism underpinned the theoretical argument. Bibliographic, documentary, qualitative-ethnographic and field research were used to analyze this knowledge and practices. The results

¹ Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2010), estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2014) e pós-doutorado pela USP (2018). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6209308491616825>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3732-467X>. E-mail: soccoelho@hotmail.com.

² Mestrado em Letras pelo programa PPGLetras da pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2023); doutoranda pelo Programa de Ciências Ambientais - PPGCA - pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9531409952456220>. Orcid: <http://lattes.cnpq.br/9531409952456220>. E-mail: daniella.alvarenga@unemat.br.

showed that it is necessary to guarantee the right to bilingual education, Portuguese and Kawaiweté, always taking into account the specificities of this people and the plurilingualism guaranteed in the curriculum of this school, which preserves cultural knowledge and values the Kawaiweté language above all else.

Keywords: Culture, Identity and Interculturality. Indigenous school education. Kawaiweté Kawaiweté/Kayabi.

Introdução

Conforme Pimenta (1997, p. 8-9), "a educação é um processo de humanização que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante". Diante disso, concluímos que a qualidade da educação de uma sociedade constitui premissa indispensável para seu desenvolvimento. A educação deve ser vislumbrada como condição essencial para uma vida digna, e, como direito constitucional fundamental, baseia-se no princípio da dignidade humana e sua efetivação primordial para o alcance da justiça social.

Dessa forma, o presente trabalho, fruto da dissertação desenvolvida durante os anos 2021-2023, pretende promover a reflexão sobre a interculturalidade dentro do espaço escolar, sobretudo nas escolas indígenas, para preservar suas línguas e tradições, mantendo-as vivas, para que sejam repassadas às gerações vindouras. Este é um cenário possível, na medida em que esses povos passem a decidir sobre seus próprios caminhos, estabelecendo relações cada vez mais equilibradas com o mundo externo, pontuadas, sobretudo, no respeito às suas tradições e aos seus costumes. Os espaços escolares indígenas podem, em muito, contribuir para o processo de autonomia cultural de seus povos, sem dúvida, parte integrante dos diferentes projetos das comunidades indígenas desenvolvidos no território nacional.

Nosso foco é analisar o diálogo intercultural durante a prática pedagógica dos professores na Escola Estadual Indígena Juporijup, situada na aldeia Tatuí, TI Apiaká-Kayabi, município de Juara, investigando discursos no processo de construção do conhecimento, verificando o grau de valorização e manutenção de sua língua materna, e

o diálogo com a língua portuguesa, também utilizada em toda a comunidade de fala, e como essas representações se refletem na sala de aula, por meio do currículo, da linguagem, da avaliação e da prática educativa.

Para melhor entendermos as experiências educacionais no cenário das culturas indígenas, é importante que se destaquem alguns princípios norteadores do referencial teórico que articula os conceitos de cultura, identidade, interculturalidade e Educação Escolar Indígena, como prática pedagógica vivenciada no contexto da Escola Estadual Indígena Juporijup (Imagem 1, a seguir).

Imagem 1: Escola Estadual Indígena Juporijup



Fonte: <https://www.drejuina.com.br/escola/38>.

A pesquisa foi realizada no espaço escolar com professores, alunos, pais e comunidade, mediante análise crítica do diálogo intercultural na escola indígena, a partir de uma perspectiva socioantropológica do cotidiano educacional, e de suas interrelações sociais, culturais, profissionais e pedagógicas provenientes da cultura, mediante as diversidades apresentadas pelos grupos que frequentam a escola e a situação de interculturalidade.

Caminho metodológico

Com a intenção de identificar e analisar como os saberes culturais dos Kawaiweté eram ensinados na Escola Estadual Indígena Juporijup, este estudo foi feito mediante observação participante dos enunciados proferidos e escritos por docentes, alunos, lideranças e anciãos nos espaços escolares e de convivência coletiva das aldeias pesquisadas. Já os dados dos processos de variação, línguas em contato, ensino e aprendizagem foram obtidos por meio de entrevistas com docentes, alunos, lideranças e anciãos, bem como, também, procedemos ao estudo e à análise dos documentos oficiais das escolas (Projetos Político Pedagógicos) e materiais pedagógicos desenvolvidos dentro e fora das comunidades.

Esclarecemos que a pesquisa foi submetida às comunidades e lideranças das três aldeias e ao restante das comunidades, em 29/04/2022, tendo recebido sua devida aprovação, como também, em 15/05/2022, recebemos a anuência da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) e dos responsáveis pela articulação interna nas aldeias, e a da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP - Nº 5.459.908/14/07/2022).

Ainda que se trate de um recorte acerca dos aspectos interculturais e sociolinguísticos em um espaço educacional de salas de aula indígenas, acreditamos que nossa pesquisa contribuirá de algum modo para futuros estudos sobre a Educação Escolar Indígena. Propiciará, por conseguinte, que a escola Juporijup e de outros povos reflitam sobre sua educação escolar e o ensino e a manutenção de suas línguas nativas. Auxiliará, portanto, professores e gestores indígenas a (re)pensarem a respeito de que história querem ensinar na escola e com quais metodologias conduzir esta educação formal. Além dos recursos teórico-metodológicos, enfatizamos as histórias dos próprios Munduruku, e seus saberes tradicionais, e, assim, utilizamos suas falas, para descrevermos os contextos dos quais os aborígenes do grupo supracitado proferiram seus discursos.

Durante nossa exposição, para subsidiar nossas análises, inserimos excertos das entrevistas realizadas durante a pesquisa. Em respeito ao anonimato dos participantes, conforme estabelecido ainda durante a elaboração do projeto de estudo, decidimos não os identificar. Por isso, utilizamos um código para cada um dos colaboradores e atribuímos números para as entrevistas que se apresentam na seguinte ordem: entrevista 1 (E1), entrevista 2 (E2), entrevista 3 (E3) etc.; ordem do participante entrevistado sujeito 1 (S1), sujeito 2 (S2) etc.). Para idade e sexo: feminino (F), masculino (M) e Povo Kaayabi/Kawaiweté (K). Logo, os códigos nos excertos se disporão conforme o seguinte

exemplo: (E19S4549MK). Salientamos, também, que os excertos das falas foram transcritos mantendo fielmente o modo como seus falantes os emitiram, sem quaisquer correções de possíveis desvios quanto aos aspectos gramaticais fonológicos, morfossintáticos e lexicais.

Contexto do Povo Kawaiweté/Kayabi

No que tange ao falar sua língua original, o povo Kayabi não enfrenta tantos problemas quanto outros povos de língua oral em processos de construção de escrita. Ou que utilizam apenas a oralidade para a comunicação. Há muitas pessoas nas aldeias que compreendem a língua materna, algumas que a falam, como as lideranças da comunidade, os anciãos, e os mais jovens, que entendem somente alguns termos. O próprio Cacique Kayabi compreende, mas não fala o idioma materno. É o que conta o relato, a seguir:

[...] aconteceu o contato que não foi muito bom para o povo, trouxe várias doenças como a gripe, sarampo, coqueluche, e, como não havia um remédio na aldeia para esses tipos de doença, muitas pessoas morreram. Hoje, na Tatuí, somos apenas 396 pessoas, e isso vem aumentando a cada ano que passa; esse crescimento é muito importante para a comunidade, porque fortalece (E11S1154FKK).

Atualmente, grande parte do povo Kayabi se encontra no Parque Indígena do Xingu, resultado de uma ação governamental que, dentro de um conjunto de aspirações, se propôs a criar uma região de proteção às comunidades e etnias indígenas. Hoje, somente uma pequena parcela permanece às margens do Rio dos Peixes. Apesar de se encontrarem em área demarcada, um dos principais anseios dos Kayabi é retornar ao seu território de origem, lugar que carrega um profundo significado sagrado, e onde residiam seus ancestrais, a TI Batelão³.

Este território se encontra em processo de resgate, uma tentativa de retomada, à semelhança do que foi feito pelos povos Apiaká e Munduruku, tendo esse sido mais eficaz

³ Localizada entre os municípios de Juara, Nova Canaã do Norte e Tabaporã, a TI Batelão tem 117 mil hectares. Ela fica em região de floresta, com características ecológicas bem diferentes das da área onde vivem atualmente os Kayabi-Kawaiweté no Parque do Xingu, numa zona de transição para o Cerrado. (ISA, 2023).

dada a maior quantidade de pessoas e de aldeias na TI Munduruku e uma cultura respeitada e preservada. Conforme a história, essa retomada teria sido muito violenta, caracterizada pelas constantes perdas de membros do grupo, após a chegada dos invasores europeus, o que acarretou um significativo decréscimo populacional.

No sentido da diminuição dos membros de grupos indígenas, Melatti (1983, p. 28-29) afirma que:

[...] há duas maneiras de uma sociedade indígena desaparecer: pela assimilação de seus membros na sociedade brasileira e pela morte de seus membros. No primeiro caso, a sociedade indígena desaparece, mas os indivíduos que a compunham sobrevivem como membros da sociedade brasileira. O segundo caso ocorre muito mais frequentemente [...]

Em que pese um grande número de pessoas ter sido acrescentado a esse povo após a estabilização e o crescimento populacional, a língua Kayabi-Kawaiweté se encontra ameaçada, pois o português vem se fortalecendo e, por vezes, suplantando a língua indígena. Antigamente, o aprendizado da língua materna era majoritariamente por meio da oralidade; as crianças aprendiam a falar a língua Kayabi desde pequenas, até terem contato com os não-indígenas e com a língua portuguesa, o que não foi um fato positivo, como aponta um dos participantes da pesquisa.

Quando passou a existir a escola para o nosso povo, os professores não ensinavam a língua materna; nas aulas eram dadas na Língua Portuguesa, e isso foi negativo para o nosso povo ser educado em outra língua que não a materna; pode ter tido um impacto negativo na aprendizagem das crianças e jovens. Essa é uma realidade que atinge muitos povos indígenas (E11S1154FKK).

Paralelamente a isso, lideranças, professores e jovens vêm atribuindo grande valor aos estudos formais tradicionais da escola, como meio de fazer frente às mudanças e aos desafios que o povo indígena tem que enfrentar, para melhorar suas condições de vida e manter suas culturas, o que podemos constatar no relato, a seguir:

As coisas estão difíceis a cada ano, a cada mudança na política do Brasil. A educação é importante para ensinar a cultura de nosso povo e, porque, quem não tiver estudo, não tem como entender o que as leis falam, os políticos falam e o que está nos documentos; precisa aprender nos estudos e no nosso cotidiano. Preciso estudar para defender os

interesses e as necessidades de nosso povo. [É preciso] buscar estudar para apoiar a comunidade, buscar qualidade da escola, ter uma internet melhor e mais professores formados, e estarmos todos envolvidos na vida Comunitária, nas coisas do não índio [que] vem para dentro da Aldeia, documentos das lideranças precisam de ajuda. Precisamos nos alertar e nos prepararmos para o amanhã dos jovens, para estarem no lugar deles [os mais velhos] (E8S870FNI).

Ademais, eles têm buscado não apenas a documentação permanente sobre sua língua e cultura, mas, também, a produção de materiais didáticos para suas escolas e a realização de projetos de revitalização e manutenção da língua, em benefício das escolas e comunidades. É o que narra o relato, a seguir:

Nós vivemos em contato com os não-indígenas, e precisamos ter contato para lutar pelos direitos na saúde, educação e defender o território. A língua usada é a portuguesa, porque temos uma diversidade de línguas no nosso país e entre nós e os parentes. O povo Kayabi da TI Apiaká-Kayabi busca o fortalecimento do idioma na escola e na comunidade [...], porque nossa língua é a identidade dos pais e dos avós e a comunidade precisa reconhecer a importância do ensino da língua [materna], e a escola trabalhar com os pequenos junto com a comunidade; os professores podem fazer materiais nas duas línguas materna e a portuguesa, para trabalhar, para facilitar o ensino na escola (E6S658MKK).

Portanto, uma das principais funções da escola é esclarecer, promover e fortalecer o sentimento, junto aos estudantes e à comunidade, de pertencimento como membros do povo indígena, e de como manter suas tradições vivas, em especial, junto aos mais jovens que carregam a responsabilidade do legado do idioma Kayabi-Kawaiweté, como pudemos observar em muitas das aulas, nas quais os alunos faziam uso de material adaptado às suas especificidades (Imagem 2), elaborado pela escola em colaboração com universidades e outras entidades.

Imagem 2: Estudante Kawaiweté utilizando material adequado às práticas pedagógicas.



Fonte: Arquivo pessoal de Daniella Alvarenga, 2023.

Em síntese, uma educação promotora da unidade em meio à diversidade.

A questão da diversidade cultural na educação escolar indígena

De acordo com Montenegro (2006), “cultura é um conjunto de padrões de conduta e controle que atuam, principalmente, por meio de símbolos, e orientam a forma com que os homens enxergam o mundo e as outras pessoas que os cercam”. Logo, é por meio de tais símbolos que o homem transmite seus diferentes conhecimentos de geração em geração. Já em Geertz (1989), a cultura é interpretada como concepções expressas em formas simbólicas, sendo por meio delas estabelecidas a comunicação e o desenvolvimento do conhecimento.

De uma maneira ou de outra, as culturas se fazem patrimônio de diversidade, unindo passado e presente em toda sua riqueza (LÉVI-STRAUSS, 1976), e tais discussões nos evidenciam o quão fundamental são os processos culturais na construção dos povos, sobretudo, quando falamos de povos tradicionais, como o Kawaiweté. Portanto, é necessário um modelo escolar que leve em consideração o modo de vida, a cosmologia, as relações entre as diferentes culturas, as entre pessoas, e como seu conhecimento é transmitido e perpetuado, ainda que constantemente influenciado pela sociedade não-indígena.

Atualmente, a escola Juporijup apresenta um quadro de docentes composto, em sua totalidade, por professores indígenas, o que contribui, em muito, para a manutenção e revitalização da língua materna e demais aspectos culturais na sala de aula e na comunidade, de maneira constante, sua capacidade de resistência na reelaboração contínua dos patrimônios culturais Kawaiweté, a partir dos valores próprios de sua sociedade.

Consideramos, assim, que processos identitários e culturais exigem busca constante, em movimento, construídos, definidos historicamente, independentemente da origem biológica, ou seja, de processos adquiridos de modo consciente, na medida em que eles são profundamente influenciados por sua pertença a um grupo ou culturas, e nos quais os indivíduos constroem suas identidades. Nessa direção, Montenegro (2006) afirma que “a identidade se estabelece a partir da alteridade, tendo a diferença como categoria fundamental” (p. 89). Logo, a identidade passa a assumir significados específicos, conforme seus sujeitos, suas relações sociais e seus diferentes contextos históricos, culturas e grupos. Assim sendo, uma vez que a cultura é dinâmica, passamos a assumir diferentes identidades com base nela.

O Povo Kawaiweté na TI Apiaká-Kayabi teve, ao longo do tempo, contato com não-indígenas, assimilando outros saberes que, aos poucos, foram se internalizando e a ele se incorporando, o que resultou em falantes somente de Língua Portuguesa, mas ainda mantendo alguns aspectos culturais nativos. Foi possível observar que, na escola indígena Juporijup, os professores, observando pontos de contato, privilegiam as culturas maternas no processo educativo, articulando os processos mais complexos de afirmação e constituição de identidades. Nessa trilha, Weigel (2000, p. 127) afirma que

[...] o processo de constituição da identidade, no âmbito das sociedades modernas, é, assim, um processo de aprendizagem, em que o grupo desenvolve novas lógicas e estruturas de racionalidade latentes na sua tradição, cultural, recriando e modificando valores, normas e preceitos morais, para solucionar problemas criados por novas formas de integração social que passamos a viver.

Dessa forma, deve haver interesse em se formar identidades, nas quais as linguagens culturais possam se articular com as demais culturas, com respeito às diferenças.

A questão das diversidades culturais na Escola Estadual Indígena Juporijup

A aldeia Tatuí é atendida pela Escola Estadual Indígena Juporijup localizada às margens do Rio dos Peixes, com três escolas anexas nas aldeias Figueirinha, Ytú Cachoeira e Kawaip, contando com um total de 300 estudantes na Educação Básica e no EM, desde 2009. O nome da escola é uma homenagem a um de seus caciques, “Juporijup”.

A escola segue um calendário diferenciado, as aulas iniciam justamente na data das demais, contam com um Conselho Deliberativo Escolar e tem como base a educação intercultural. Nessa direção, a narrativa de um colaborador conta que

[...] existem regras onde eu moro, nós fazemos farinha, pescamos, caçamos e tiramos patuá e açaí, fazemos o vinho de fruto silvestres e bebemos. Dentro da concepção de sociedade o povo Kawaiweté do rio dos peixes entende como sociedade, que devemos respeitar toda experiência que possui os membros de nossa comunidade como forma de ser benéfico para todos, comportar de [modo] respeitável, sendo assim, não alimentar a injustiça e individualidade (E15S1551FKK).

A escola defende que família e comunidade devem estar presentes durante o processo de aprendizagem dos estudantes, sendo o acompanhamento escolar constantemente incentivado, não somente quando a criança apresenta um mau desempenho, mas no decorrer de todo processo educacional. Isso é o que se verifica neste relato:

Os pais devem tomar consciência de que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida, e que sua participação ativa nesta é a garantia da boa qualidade da educação escolar. As crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Assim, as duas mais importantes instituições da sociedade, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns. Nesse sentido, buscamos sempre ter a comunicação com os pais através de diversos recursos, como bilhetes, reuniões, WhatsApp (grupo da escola), radioamador, e assim, vamos seguindo (E15S1551FKK).

Sobre isso, o PPPI da escola ressalta:

A escola deve sempre trabalhar em conjunto com a comunidade, respeitar a diversidade que a escola atende. Sempre fortalecer as

atividades culturais na prática. Os alunos ajudar a conservar o ambiente cuidar dos bens que e de todos. A comunidade participar mais juntamente com cacique (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 2).

Dessa forma, além de manter uma boa relação com a comunidade, no intuito de manter os pais a par do processo educacional, a proximidade entre escola e os demais membros da aldeia contribuem para o fortalecimento e a manutenção das tradições. Como salienta o PPP da escola:

[...] existe conhecimento naquilo em que nós mesmos estamos envolvidos, existe conhecimento naquilo que nos preocupa infinitamente. O conhecimento, neste caso, necessariamente tem um caráter existencial ou de responsabilidade. A Escola Estadual Indígena de educação Básica Juporijup pretende formar seus alunos com conhecimento, a fim de conhecer a política nacional, tendo seu ponto de vista crítico, na qual se pretende que esses alunos tenham suas próprias ideias, sem imposição, sempre pensando futuramente na continuidade da educação (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 7).

O povo Kawaiweté da aldeia Tatuí tem suas culturas e identidades expressas em cantos, pinturas faciais e corporais, pela língua materna e por sua organização social concreta e muito forte. As culturas se fazem presentes nas vestimentas tradicionais, atividades intimamente associadas aos saberes indígenas, nos desenhos, associando fortemente a escola à cultura e a diversidade cultural da comunidade.

Nessa seara, um colaborador relatou:

A cultura está ligada à nossa identidade, e as nossas vivências onde é repassado por gerações anteriores por gerações futuras, onde temos diversidades diferentes no mundo, sempre valorizando a dança culturais, o canto o idioma e identidade. Para nós da comunidade Kayabi da aldeia Tatuí, entendemos como currículo tudo aquilo que pretende se ensinar e aprender dentro da sala de aula, levando em consideração o aprendizado adquirido no ambiente familiar e comunitário. Em nosso currículo, calendário escolar, acrescentamos as atividades realizadas junto com a comunidade, fortalecendo as ações do nosso povo (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 10).

A Educação Escolar indígena é um componente importante para a comunidade. Nela, são compartilhadas e discutidas questões muito relevantes dentro e fora do ambiente

escolar. É uma educação diferenciada, com seus principais objetivos de buscar a valorização e o fortalecimento das práticas culturais inerentes à comunidade. Nessa linha, apresentamos um trecho de uma entrevista:

Aqui, essa educação funciona da seguinte maneira: a língua é importante para as crianças Kayabi, mas elas não sabem ler e escrever, mas falam na língua o que é importante para ter comunicação com os não-índios, assim como para elaborar documentos, escrever, ler, revistas, jornais, participar de reuniões conferências nos estados brasileiros, estudos das leis indígenas e outros. Como pode ser o ensino na escola Kayabi: participando das atividades que estão sendo feitas na comunidade, ensinar na escola através dos registros, também as crianças poderão aprender algumas atividades da cultura, elas vão pegando mais prática através da participação que fazem com os mais velhos. A história e os costumes tradicionais dos kayabi são importantes para as crianças aprenderem, assim, quando elas crescerem poderão saber e ensinar para seus filhos [...]. É muito importante ensinar às crianças sobre sua cultura, estudar as leis dos direitos dos povos indígenas, estudar sobre os partidos políticos e seus projetos. Na cultura, estudamos sobre: peneira, arco e flecha, remo, abanador, canoa, borduna, bracelete, cocar, colar, anéis, pulseiras, cintas e tipoias. O trabalho de tradução é realizado através de algumas frases e palavras na língua da etnia, as quais, posteriormente, são traduzidas para o português. Outra atividade de tradução são os números e numerais no próprio idioma; já temos escritas, pequenas cartilhas para alunos da alfabetização. Para algumas crianças e adultos já se pode ensinar a ler e escrever na língua indígena. Vamos ensinar para as crianças como era o modo de vida de nossos antepassados, como caçar, seguindo rastro de qualquer animal, pois é o modo de caçar tradicional do povo Kayabi, e os remédios utilizados (E14S1452MKK).

Além dos conhecimentos direcionados às práticas culturais de ensino, a Escola Estadual Juporijup tem um grande desafio, o de fazer os educandos abrangerem dois tipos de conhecimentos: o cultural, mais orientado para a prática de fortalecimento da cultura e o conhecimento da sociedade, com a qual convivem atualmente. Com base nessas assertivas, entendemos que

A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup pretende formar seus alunos com conhecimento a fim de conhecer a política nacional tendo seu ponto de vista crítico, na qual pretende-se que esses alunos tenham suas próprias ideias sem imposição, sempre pensando futuramente na continuidade da educação. Não vale apenas conhecer somente a sua história, o existencial, mas sim do mundo em que vivemos, saber definir aquilo que nos prejudica com aquilo que nos favorece, desafio enfrentado por todos da comunidade (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 8).

Durante as últimas décadas, povos e comunidades indígenas têm, cada vez mais, buscado desenvolver projetos que se enquadrem nas dinâmicas da educação diferenciada e intercultural, contrapondo-se à tradição assimilacionista e integracionista prevalecente por anos e anos, do período colonial, até muito recentemente. Muitas destas experiências tinham como finalidade o apagamento das diversidades culturais consideradas obstáculos ao processo civilizatório. Por isso, hoje, cabe às comunidades e às instituições educacionais decidirem como devem se realizar os processos pedagógicos e seus períodos (alternância ou tempo integral), por ciclos, módulos, entre outros.

De forma geral, tais mudanças têm demonstrado a importância da busca por romper com o engessamento de disciplinas, favorecendo um trabalho mais dinâmico, com matrizes conceituais por meio das quais se estudam os conteúdos das diversas disciplinas sob uma perspectiva transdisciplinar. Percebemos isso, no próprio texto PPPI da escola:

A Escola Estadual de Educação Básica Juporijup inclui em seu currículo o trabalho voltado à Educação Indígena. São trabalhadas as práticas que são próprias do povo Kawaiweté, trabalhando a cultura e as práticas culturais do próprio povo, incluindo os anciões e as pessoas experientes, trabalhando os saberes indígenas (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 17).

O currículo, orientado às concepções e às práticas que definem o papel social da escola, deve ser concebido de modo flexível, adaptando-se aos contextos políticos e culturais, sempre levando em consideração interesses e especificidades das comunidades nas quais se situa a escola. Como componente pedagógico dinâmico, o currículo diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços da escola, de suas atividades pedagógicas, das relações sociais tecidas no cotidiano escolar, das relações entre o ambiente escolar e a sociedade, nas formas de construir e conceber os conhecimentos escolares. Assim, o currículo se mostra presente tanto nos processos culturais quanto sociopolíticos para a construção das identidades. É o que se lê, no seguinte excerto:

Para nós da comunidade Kayabi da aldeia Tatuí, entendemos como currículo tudo aquilo que se pretende ensinar e aprender dentro da sala de aula, levando em consideração o aprendizado adquirido no ambiente familiar e comunitário. Em nosso currículo, calendário escolar, acrescentamos as atividades realizadas junto com a comunidade,

fortalecendo as ações do nosso povo [...]. É um conjunto de ideias de ensino escolhidas com a participação de todos da comunidade, sendo aproveitadas em sala de aula (E14S1452MKK).

Podemos observar na Imagem 3, a seguir, como o calendário escolar da referida escola respeita e se baseia na realidade da comunidade.

Imagem 3 - Calendário Kayabi de Juara



CALENDÁRIO KAYABI DE JUARA



JANEIRO: ENCHENTE; DESOVA DOS PEIXES.

FEVEREIRO: FRUTAS SILVESTRES; COLHEITA DE ARROZ.

MARÇO: ROÇADA DA MATA.

ABRIL: FESTA INDÍGENA; JAWOSI; KAWAIWETE.

MAIO: BAIXA DO RIO.

JUNHO: SECA; PESCARIA; COLHEITA.

JULHO: CAÇADA DE ANIMAIS.

AGOSTO: PESCARIA COM TIMBÓ.

SETEMBRO: PRIMAVERA, CHUVA.

OUTUBRO: COLHEITA DE MEL DE ABELHA EUROPA.

NOVEMBRO: DESBROTO; DAS ROÇAS.

DEZEMBRO: TEMPO DE MILHO VERDE E MELANCIA.

Fonte: Cartilha ‘Matemática Kayabi’, 2022, p. 14.

Ademais, segundo um colaborador,

[...] o currículo é um componente importante na comunidade indígena, com questões que mais se discute entre os povos indígenas; é uma luta para ter uma educação diferenciada, pois tem como seus principais objetivos buscar a valorização e o fortalecimento das práticas culturais presentes na comunidade (E15S1551FKK).

Nesse sentido, ponto importante também contemplado no PPPI da escola é que

[...] o povo kawaiwete (kayabi) da aldeia Tatuí tem como identidade a sua cultura, identificada pelos cantos, pinturas faciais e corporais, língua materna e sua organização social muito forte. Tendo como crenças a prática do pajé, que trabalha firme como forma de afastar o mal espírito, preservando a saúde do paciente. Temos nossa cultura presente nas vestimentas, isso tudo ligado ao meio ambiente, tendo tudo a ver com a natureza e a convivência com o ser natural e o sobrenatural. Todos nós estamos ligados à cultura e diversidade cultural. A cultura está ligada à nossa identidade, e às nossas vivências onde é repassado por gerações anteriores por gerações futuras, onde temos diversas diversidades diferentes, no mundo, sempre valorizando as danças culturais, o canto, o idioma identidade (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 10).

A escola Estadual indígena de Educação Básica Juporijup ainda desenvolve com alunos e a comunidade um trabalho direcionado para a comunidade, sobre o modo como se deve cuidar do ambiente, ressaltando que cabe a cada um cuidar do ambiente em que vive. Fazer o preparo do local para plantio na época certa, a queimada na condição adequada, e como preparar ou observar o ambiente, tanto no coletivo ou no individual, são exemplos de como o espaço escolar contribui e trabalha junto com as práticas da comunidade e a manutenção das tradições Kayabi, como se lê neste excerto do PPPI da escola:

Abandonando de vez a perspectiva integracionista e negadora das especificidades culturais indígenas, a escola indígena hoje tem se tornando um local de afirmação de identidades e de pertencimento étnico. O direito à escolarização nas próprias línguas, a valorização de seus processos próprios de aprendizagem, a formação de professores da própria comunidade, a produção de materiais didáticos específicos, a valorização dos saberes e práticas tradicionais, além da autonomia pedagógica, são exemplos destes novos papéis e significados assumidos pela escola. (PPPI E. E. EDUC. BÁSICA JUPORIJUP, 2022, p. 13).

Destarte, mantêm-se vivas as práticas culturais como meio de resgate e manutenção. É o que apregoa o Projeto Político Pedagógico Escola Estadual Indígena Educação Básica Juporijup. (2022, p. 14), a seguir:

A comunidade escolar desenvolve uma forma prática de avaliar conforme as necessidades por isso é feito de participação e como faz parte da comunidade escolar de acordo com as especificidades de cada

turma que a escola atende o desenvolvimento de cada um que elabora atividades o ato de avaliar as aprendizagens dos alunos é importante sim porque traz o desafio também a necessidade da participação efetiva de todos os segmentos nas atividades escolares estabelecidos o diálogo entre escola e comunidade, é importante a participação de todas as pessoas.

O ensino interdisciplinar se apresenta para as comunidades indígenas como um dos meios de fortalecimento dos laços de pertencimento identitário dos estudantes com seus grupos sociais de origem, e favorece a continuidade sociocultural dos grupos comunitários em seus territórios. A perspectiva de suas experiências escolares, de permanecerem em seus territórios e comunidades, atuando como agentes ativos na interação com outros grupos e culturas, é considerada a referência principal na construção de seus projetos escolares e societários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há ainda muitos desafios a serem problematizados e superados, quando falamos de Educação Escolar Indígena. Um deles diz respeito à importância da valorização e do reconhecimento das particularidades e especificidades de cada povo e comunidades. Além disso, a educação intercultural precisa estar na dinâmica escolar e de sua rotina, de forma contextualizada e não isolada, aplicando uma prática educativa que permeie o currículo, as metodologias, atuação de docentes e gestores, a relação com a comunidade e a língua.

Dessa forma, além de um espaço educador, haverá uma escola indígena eficiente, uma ferramenta emancipatória, um espaço de fato educativo para todos, e, que vislumbre as diferenças como fontes de estímulo e enriquecimento. Uma escola indígena nesses moldes e orientada para atender às necessidades e às questões educacionais atinentes às populações indígenas das quais ela se encontra bem próxima, é o que almejamos.

Constatamos, na escola Juporijup, diálogos recorrentes para a construção da interculturalidade. Foram evidentes os discursos subjazendo as falas no cotidiano da escola que respeitam as particularidades daquele povo, e buscavam, ao máximo, promover, por meio da interdisciplinaridade, os conhecimentos tradicionais e os não indígenas.

A escola Juporijup, incessante e constantemente, busca a revitalização do seu processo histórico e o entrelaçamento de saberes, buscando força dentro e fora de sua TI, sem perder sua autonomia. Cada vez mais, ela se torna uma escola pensada, planejada e gerenciada pelos próprios Kawaiweté, conforme seus anseios, suas demandas e sua organização. Enfim, uma escola indígena que se deseja, para garantir a preservação de tudo que concerne aos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Daniella Correa. **Diagnóstico do ensino das línguas indígenas e do português nas escolas Leonardo Krixi Apiaká, Juporijup e Krixi Barompô, na Terra Indígena Apiaká-Kayabi, Juara - Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Mato Grosso, Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Letras, Sinop 2023.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. São Paulo: ISA, 2023. Disponível em: <http://www.socioambiental.org/pib/portugues/quonqua/quadro.asp>. Acesso em: 14 jun. 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História *in* **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, p. 328-366.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto Político Pedagógico Escola Estadual Indígena Educação Básica Juporijup**. Cuiabá: SEDUC/MT, 2022a.

MELATTI, Júlio César. **Índios do Brasil**. 48. ed. São Paulo: Hucitec, 1983.

MONTENEGRO, Márcia Maria Nunes. **Professor Caboclo: Educando na Diversidade para a Diversidade**, Manaus. BK Ed. 2006.

PIMENTA, Selma Garrido. A didática como mediação na construção da identidade do professor uma experiência de ensino e pesquisa na Licenciatura. *In*: ANDRÉ, Marli; OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (org.). **Alternativas ao ensino de didática**. Campinas: Papyrus, 1997.

WEIGEL, Valéria Augusta de Medeiros. **Escolas de branco em maloka de índio**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

Recebido em 23/07/2024
Aprovado em 09/09/2024